

A INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO APÓS A MATERNIDADE: UM ESTUDO COM AS MORADORAS DO BAIRRO SANTA MARIA - ARACAJU/SE

¹FLORENCIO, Rosana Nunes

Resumo

A presente pesquisa pretende analisar a inserção da mulher no mercado de trabalho após a maternidade, promovendo assim, uma discussão acerca das relações de gênero, com a proposta de fazer uma análise sobre o conceito das mulheres quanto aos seus papéis no âmbito público, bem como compreender as mudanças que ocorrem na vida da mulher após a maternidade. Diante do exposto, visando analisar essas indagações, a pesquisa foi realizada no Bairro Santa Maria, zona sul de Aracaju-Se, com dez mulheres de 23 a 48 anos, pertencentes à classe de baixa renda e escolaridade, inseridas no mercado de trabalho, que responderam ao roteiro de entrevista no período de 23 a 27 de maio de 2011. Para tanto, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, com o método qualitativo, através de uma pesquisa de campo, com aplicação de um roteiro semi-estruturado, contendo dez questões previamente elaboradas. Os resultados deste estudo apontam para uma reprodução dos papéis de gênero concernentes à lógica patriarcal, em que as mulheres pesquisadas percebem a maternidade como uma realização identificatória do “Ser Mulher”. Neste sentido, ficou nítido que a experiência de ser mãe é a que garante o “Ser Mulher” no sentido pleno da palavra. Quanto a sua inserção no mercado de trabalho, é contingente e descontínua, ficando em segundo plano, por possuir um caráter complementar dentro do âmbito familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher, Trabalho, Maternidade.

ABSTRACT

This research aims to analyze the integration of women in the labor market after maternity leave, thus promoting a discussion of gender relations, with the proposal to make an analysis of the concept of women about their roles in the public and understand the changes that occur in a woman's life after motherhood. Therefore, we aimed to analyze these questions, the survey was conducted in Barrio Santa Maria, south of Aracaju himself, with ten women from 23 to 48 years, belonging to the class of low income and education entered the labor market, which responded to the interview guide from 23 to 27 May 2011. For this purpose, the methodology used was literature, with qualitative methods, through field research, with application of a semi-structured, containing ten questions previously prepared. The results of this study point to a reproduction of gender roles concerning the patriarchal logic, in which women surveyed, perceive motherhood as a realization of the identificatory "Womanhood." In this sense, it was clear that the experience of being a mother is the one that guarantees "Womanhood" in the full sense of the word. As for its insertion in the labor market, is contingent and discontinuous, being in the background, because it has a complementary character within the family.

KEY-WORDS: Women, Work, Motherhood.

¹ Assistente Social pela Universidade Tiradentes - UNIT, pós-graduanda na Especialização em Gestão da Saúde Coletiva e da Família XII, pela Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe - FANESE.

INTRODUÇÃO

A submissão caracterizou a trajetória feminina durante décadas. As mulheres eram sempre vistas como mães, esposas, donas de casa; eram criadas para cuidar dos maridos e filhos, deveriam viver unicamente por eles e para eles.

As mulheres estão lutando para conquistar cada vez mais espaços, mesmo que tenham que conciliar a maternidade e o trabalho. Ainda possui dificuldades em relacionar seus vários papéis como mãe, esposa e trabalhadora por não se tratar de um padrão comportamental aprendido e endossado hegemonicamente por todos os segmentos sociais. Reconhecida por sua força e determinação a mulher batalha pelo que deseja, e hoje conquistou seu lugar fazendo história na sociedade, rompendo barreiras, preconceitos e obstáculos.

No entanto, as diferenças entre homens e mulheres sempre existiram, não apenas no sentido biológico, mas principalmente no social nas relações apresentadas como naturais, que nos revela condições extremamente desiguais de exercício de poder, aonde elas ainda vem ocupando posições subalternas e secundárias (MACIEL; TEDESCO, 2002).

A idéia de investigar essa temática surgiu da curiosidade de entender melhor as relações de poder, a desigualdade entre os sexos, a questão da mulher quanto aos seus papéis na sociedade e devido a sua relevância que, nos últimos anos, tem sido objeto de estudo. A investigação objetiva trazer benefícios para a comunidade local e academia, com o propósito de um conhecimento aprofundado sobre a temática, gerando produção de conhecimento teórico, o qual possibilitará levar essa questão para os demais interessados e um melhor amadurecimento sobre o assunto dentro do âmbito profissional.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a inserção da mulher no mercado de trabalho após a maternidade, promovendo assim, uma discussão acerca das relações de gênero; com a proposta de fazer uma análise sobre o conceito das mulheres quanto aos seus papéis no âmbito público, bem como compreender as mudanças que ocorrem na vida da mulher após a maternidade.

Para este estudo foi realizada a pesquisa bibliográfica e de campo, cujo método de abordagem foi o qualitativo. A técnica utilizada foi a entrevista, com roteiro semi-estruturado contendo dez questões. Foram escolhidas aleatoriamente dez mulheres, moradoras do Bairro Santa Maria na faixa etária de 23 a 48 anos, de baixa renda e escolaridade, inseridas no mercado de trabalho, que responderam ao roteiro de entrevista no período de 23 a 27 de maio de 2011.

Revedo as questões colocadas acima, foi constatado que Gênero, Trabalho e Maternidade são as categorias que vão subsidiar as discussões no decorrer do trabalho.

O gênero, como principal categoria de análise vai embasar a explicação de que é a partir das construções de identidades masculinas e femininas, que serão definidos os papéis sexuais no âmbito público da pesquisa.

A sociedade constrói imagens do masculino e do feminino, a ela corresponde a uma certa divisão social do trabalho, conhecida como divisão sexual do trabalho, onde esta se faz obedecendo ao critério de sexo; não implicando assim, que as atividades socialmente

atribuídas às mulheres sejam desvalorizadas em relação às dos homens. Sendo assim, a segunda categoria “Trabalho” explica as dificuldades das mulheres em se inserirem no mercado de trabalho.

O momento do retorno ao trabalho é uma ocasião crucial para as mulheres, pois necessitam conciliar seus papéis de mãe e profissional, criando condições para conduzir a sua vida e de sua família. A maternidade terceira categoria de análise, vai ajudar na explicação da construção da identidade das mulheres entrevistadas no Bairro Santa Maria, que está relacionada à sua capacidade de reprodução. Entretanto gravidez e maternidade são eventos culturais e biológicos específicos a cada grupo social, que vão atribuir às mulheres o papel da maternidade como algo relativamente essencial.

Gênero, Trabalho e Maternidade

A partir de Estudos Feministas, foi constatado que várias disciplinas abordaram em sua agenda uma nova categoria de análise, a de “gênero”, que surge como um conceito para se referir a masculinos e femininos de forma diferente do que se compreendia como sexo. Esta perspectiva foi o fio condutor da análise.

O significado da palavra gênero, enquanto uma categoria útil e significativa na história vem sendo usada em vários sentidos, o que causou uma verdadeira popularização no uso da palavra, muitas vezes fugindo do verdadeiro significado para se referir às questões relativas a homem/mulher.

O conceito de gênero é amplo e complexo, não explicitando necessariamente uma desigualdade e hierarquias sociais entre os sexos, vai mais além, diz respeito a uma categoria histórica que pode ser utilizada em várias instâncias: como representações, símbolos culturais, conceitos normativos, identidade subjetiva, atribuições assimétricas e potencialidades que regulam não apenas as relações homem/mulher, mas também as relações homem/homem e as mulher/mulher (SAFFIOTI, 2004).

Aprendemos nossa feminilidade ou masculinidade antes mesmo de nascermos, pois ao identificar o sexo do bebê já se inicia a construção da identidade de gênero. Esse processo se manifesta na escolha dos nomes, nas cores das roupas e posteriormente através da socialização da comunidade que a cerca, em que vai aprendendo sua cultura.

A partir das relações que são desenvolvidas do ponto de vista psicológico e social pelo indivíduo, o mesmo vai assimilando normas, valores e comportamentos que vão formar sua identidade.

Dessa forma, vão sendo atribuídas personalidades para homens e mulheres, um ser frágil, sensível, dócil para justificar o outro ser forte, provedor, frio, intolerante, reiterando assim a cultura patriarcal e garantindo a assimetria entre os gêneros. Tal assimetria justifica desigualdades que se manifestam com maior visibilidade nas relações de gênero (FISCHER, 2001).

As diferenças sexuais são físicas e as de gênero são construídas socialmente, isso significa dizer que gênero é diferente de sexo, visto que sexo se refere às características fisiológicas e gênero está ligado à construção social do indivíduo masculino ou feminino.

De acordo com Borisi; Cesidio (2007) até meados do século XIX, a vida da mulher era administrada conforme os interesses masculinos, pois devia procriar e obedecer às ordens do pai ou do marido, mas as concepções acerca da subjetividade e do corpo feminino, também acompanham as modificações políticas, econômicas, históricas e socioculturais, pois, é no período patriarcal, que a mulher tinha funções voltadas, prioritariamente, para a reprodução e era fortemente dominada pelo poder masculino. A perda do papel masculino de provedor da família determinou mudanças significativas na organização destas, redefinindo os papéis sexuais.

Frente às repressões sofridas pelas mulheres diante do patriarcado era preciso buscar forças e acabar com a dominação masculina, o Movimento Feminista se intensifica e ganha força no início da década de 70, contribuindo com discussões e teorizações através de Estudos Feministas que vão justificar as construções sociais de identidades e papéis relativos à dimensão do gênero (SABAT, 2001).

Segundo Spindola (2003) a participação feminina no sistema produtivo vai ser definida pelas condições oferecidas no mercado de trabalho e pelas potencialidades da mulher inserir-se nesse espaço. Características individuais como: condição marital, número de filhos e escolaridade, dentre outros, determinam e/ou facilitam ou dificultam a sua inserção no sistema produtivo.

Para Oliveira; Scavone (1997) o que propiciou a grande conquista das mulheres foi a possibilidade de decidir sobre sua procriação: a descoberta da pílula anticoncepcional. Tal fato abre a perspectiva das mulheres terem a oportunidade de escolher quando e quantos filhos desejam conceber. Este novo aspecto relacionado à procriação possibilitou ao gênero feminino, muitas conquistas na profissionalização, pois a procriação dificultava a sua inserção e a ascensão no mercado de trabalho.

Foram inúmeros os desafios para romper uma cultura patriarcal em que a mulher servia para apenas desenvolver atividades domésticas, cuidar dos filhos e do marido. Entretanto apesar de sua independência e conquistas, suas dificuldades continuam relacionadas à maternidade, profissão e seus vários papéis exercidos na família.

De acordo com Toledo (2001, p.22):

O capitalismo não produz o gênero, mas se serve desta diferenciação na esfera do trabalho, pois vincula diretamente a maneira como a mulher trabalhadora concilia sua condição de reprodutora do capital e de força de trabalho. O capital se aproveita da questão de gênero para extrair sobretrabalho direto e indiretamente da mulher. A ideologia da domesticidade, a precarização de formas de trabalho, a informalidade, as diferenças de salários, as ideologizações psicológica (sensibilidade, maior “jeito pra coisa”...), diferenças nas remunerações e nos espaços de trabalho, etc., são expressões de processos modernos das formas de como capital se serve das questões de gênero. Deste modo, o capital está no centro do processo, não o gênero no mercado de trabalho.

Por conta deste contexto, algumas mulheres não conseguem se manter numa atividade contínua, tendo de entrar e sair do mercado de trabalho, sem satisfação nem estímulo em manter-se numa atividade profissional estável devido a questão da maternidade.

A maternidade é um evento cultural natural, que atribui às mulheres o papel de mãe como uma condição essencial e necessária para sua completa realização como sujeito. É em geral, um laço de parentesco que une a mãe ao filho.

Campos (2006) define como um conjunto de atividades e relacionamentos socialmente construídos, submergidos em mutualismo e no cuidado de pessoas, onde envolve crenças e valores que são institucionalizados através do casamento, da família e de políticas públicas, sendo estabelecida através de um intenso processo de normatização.

Para alguns grupos populares “Ser mulher” inclui a condição de ser mãe, a maternidade como uma condição inerente e necessária para sua completa realização. Paim (1998) em sua pesquisa buscou descrever algumas concepções e práticas acerca da vivência da gravidez e da maternidade de mulheres em grupos urbanos de baixa renda em Porto Alegre, onde as meninas são preparadas desde cedo para a maternidade por meio do cuidado dos irmãos ou através de atividades domésticas auxiliando suas mães. Gravidez e maternidade apesar de serem fatos biológicos abrangem dimensões construídas de forma cultural, social, histórica e afetivamente, em que as relações de gênero vão estabelecer a identidade feminina a partir de papéis sexuais definidos de modo relacional.

Para Spindola (2003) a maternidade “desejada”, geralmente, considerada uma ocasião especial na vida da mulher pode assumir outras conotações, quando a mesma assume atividades remuneradas fora do espaço doméstico, tornando-se um conflito, pois, o retorno ao trabalho exige uma conciliação difícil, tanto emocional como física, dos seus papéis de mãe e profissional.

Assim, essas mulheres ficam ansiosas, sentindo-se duplamente culpadas por não dar atenção a casa, como também aos filhos e nem conseguir dedicar maior tempo para o seu desenvolvimento profissional, uma ocasião importante e crucial para mulheres-mães que estão inseridas na vida pública, com atividades profissionais.

Essa sensação de culpa da mulher está associada ao papel de boa mãe, no cuidado e na responsabilidade de seus filhos, um sentimento relacionado com a cultura, o processo de educação e socialização do indivíduo, numa construção sócio-histórica e cultural, que explica a construção da identidade feminina em torno do papel maternal.

Apesar da mulher ter consciência quanto aos seus papéis e suas responsabilidades como sexo feminino acaba por priorizar as tarefas do lar, o cuidado e a educação dos filhos, pois só assim se compreende como mulher.

MÉTODOS

A pesquisa foi realizada no Bairro Santa Maria, antigo “Terra Dura”, zona sul de Aracaju – Se. A população abordada foi as moradoras na faixa etária de 23 a 48 anos, de baixa renda e escolaridade, que tivesse vivenciado o processo da maternidade e do trabalho, a fim de fornecer subsídios para responder alguns questionamentos como: Se houve alguma

mudança em sua vida depois da gravidez; se encontrou alguma dificuldade em continuar ou arrumar algum trabalho e quais as dificuldades encontradas em ser ao mesmo tempo esposa, mãe e trabalhadora.

Inicialmente, pretendia pesquisar um grupo fechado de mulheres que estavam realizando um curso de culinária no Centro de Referência da Assistência Social – CRAS; porém, não houve condições, pois a maioria não se encaixava no perfil da temática, achando-se apropriado realizar a pesquisa de maneira aleatória.

Responderam ao roteiro de entrevista dez mulheres no período de 23 a 27 de maio de 2011, em que foi esclarecido o objetivo da pesquisa, não havendo recusa em participar do estudo de forma espontânea.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, a partir de fontes secundárias e de campo, cujo método de abordagem é qualitativo. Os dados obtidos foram através de entrevista, com um roteiro semi-estruturado contendo dez questões previamente elaboradas.

O tipo de amostra utilizada para a pesquisa foi a não-probabilística intencional, visto que este tipo de amostra propõe para o pesquisador a seleção de um subgrupo da população cujas informações disponíveis são representativas de toda a população.

A análise dos dados foi realizada através da análise de discurso, por meio de interpretação das respostas ao roteiro de entrevista. A análise teve a intenção de avaliar a concepção das mulheres do Bairro Santa Maria, a respeito de suas representações sociais, para subsequentemente, avaliar e confrontar os papéis dos sujeitos a serem pesquisados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As mulheres entrevistadas apresentam o seguinte perfil: 40% (04) são de Aracaju, 40% (04) são do interior e 20% (02) de outros Estados. Elas exercem funções variadas, três domésticas, duas donas de casa, uma vendedora, uma diarista, uma cabeleireira, uma costureira e uma autônoma. Quanto à escolaridade, 1% (01) possui o ensino fundamental completo, 40% (04) ensino fundamental incompleto, 2% (02) o ensino médio completo e 3% (03) ensino médio incompleto. Com relação ao estado civil, 5% (05) são casadas e 3% (03) são solteiras, sendo que 2% (02) informaram que coabita com os seus cônjuges, o número de filhos varia de um a seis por família.

Os relatos deixaram transparecer que o “Ser Mulher”, exteriorizado em suas falas, revelou que estas não elaboraram as categorias do feminismo, ou seja, os diversos papéis por elas assumidos deixaram-se ficar em segundo plano, priorizando o lar, o filho e marido. A multiplicidade de papéis e as exigências dos mesmos na vida de cada uma delas é o que as leva a entender o que é “Ser Mulher”, que para elas é se ver apenas como mãe.

Sarti (2007) analisa que a interação entre os sexos vai explicar que a distribuição de autoridade na família vincula-se à valorização da mãe no universo simbólico, à maternidade, e ao homem cabe a autoridade moral, pois é responsável pela respeitabilidade familiar. A constituição da identidade social do homem se dá, principalmente, pela via do trabalho, que o impulsiona, confere respeito e autoridade. Para a mulher, cuidar da sua família é uma questão de honra e caso não consiga, sente-se fracassada e perde o respeito, pois no

imaginário das instituições patriarcais, a mulher é tomada como circunscrita ao domínio doméstico, que cuida dos filhos e da casa, enquanto o homem trabalha para manter o lar.

... Ser mulher é ser ajudadora da casa, o cabeça é o homem né, deveria ser né tomar atitude como cabeça “como diz que o homem é a cabeça e a mulher e o pescoço né”. Se bem que na minha eu sou mais a cabeça do que ele... (AG,37 anos).

De fato, apesar das diferentes formas de conjugalidade e arranjos familiares na sociedade atual, as classes populares ainda preservam o modelo patriarcal de família, em que há uma assimetria de gênero, onde o masculino aparece como superior, independente, “chefe de família”, enquanto o feminino como inferior, subalterna, sujeita ao espaço doméstico, dependente do masculino, essa representação social dos seus papéis endossa a desigualdade entre os sexos.

As mulheres investigadas, quando indagadas sobre o que é ser mulher e ser mãe, elaboraram representações iguais quanto a sua identidade de “mulher/mãe”, bem como as responsabilidades que são atribuídas a um e ao outro, dentro do âmbito familiar.

Porque a mulher tem mais inteligência nas coisas, como paciência! Porque o homem não tem paciência... Aí DEUS botou no mundo a mulher porque é mais frágil, sabe tomar conta do macho, do filho! E o homem não! Ele é bruto, é mais grito, enfim um HOMEM não toma conta de uma criança! E a mulher NÃO, tem umas que é mais calma, que se ocupa das coisas, que tem mais RESPONSABILIDADE. Tem homem que não tem responsabilidade! (IJ, 35 anos)

Nesse depoimento fica nítida a essencialização da mulher ao casamento e a maternidade. A resposta acima expressa uma elaboração única para as duas categorias de sujeito.

O que se observa em seus discursos é que elas não se definem como mulheres independentes, que possuem autonomia e sim como mães. Há uma predominância de representações que não dissociam o sujeito da dimensão subjetiva, de seu papel social, no caso, mães cuidadoras, pacientes e que tem amor incondicional.

As mulheres entrevistadas possuem características comuns como: baixa renda e escolaridade, residentes na periferia. Todas já trabalharam ou tiveram um emprego remunerado.

Nas famílias de baixa renda, as atribuições das esposas são manter em ordem seus lares, cuidar dos filhos e, atualmente, ajudar o marido quando a situação da família encontra-se precária, porque ao invés de fazer um bico, que te renderá o mesmo valor que pagará para alguém ficar com seus filhos, esta por sua vez, prefere ficar em casa.

Tive muita dificuldade, porque a criança pequena requer muito cuidado e a gente não vai pegar e deixar com qualquer pessoa ou então por exemplo: eu vou trabalhar um dia é 40 reais a pessoa quer 30 pra cuidar da criança, não compensa, é melhor ficar em casa cuidando do que eu ir trabalhar pagar 30 e ficar com 10, é preferível ficar em casa, e também a gente tem que saber com quem vai deixar. (JR, 40 anos)

Algumas das mulheres entrevistadas casadas trabalham de maneira informal, como diarista, empregada doméstica, costureira, cabeleireira, vendedora e autônoma, para

complementar a renda familiar, em sua maioria dependem também do Programa do Governo Federal “Bolsa Família”.

Já trabalhei, mas no momento sou autônoma. Sou cabeleireira, manicure, trabalho com teatro! Renda! Não parei para analisar mensalmente porque é complicado ser autônomo! “Se eu fosse viver na área da arte, seria difícil em Aracaju!... Eu tentei o Bolsa Família há três anos e agora eu consegui há quatro meses que eu recebo o Bolsa Família! (AA, 32 anos)

Para Olinto; Oliveira (2004) em seu artigo “Gênero e Trabalho Precário no Brasil”, existe uma relação entre o trabalho feminino e o trabalho precário, onde alguns analistas focalizam a situação da mulher no mercado de trabalho brasileiro em ocupações precárias e informais. As mulheres são mais penalizadas que o homem, com diferenças salariais entre os gêneros, seu trabalho é subdimensionado, permanecendo invisível, escondendo a sua participação na economia. Para o autor isso ocorre em especial no ambiente doméstico, onde as atividades produtivas da mulher se confundem com suas atividades reprodutivas, ficando uma noção de que a mulher desempenha um trabalho secundário ou complementar ao do marido.

Quanto à importância de trabalhar no âmbito público, a maioria acha importante, no que se refere à autonomia e independência financeira, não dependendo unicamente do marido, acreditam que o trabalho fora, engrandece de certa forma a mulher, além de poder ajudar no orçamento da casa e poder ajudar os filhos.

É importante a mulher trabalhar fora, importantíssimo! “Mulher tem mais é que ser independente mesmo! Mesmo que for casada não é legal você esperar. (AA, 32 anos).

Afirmam que o trabalho doméstico é estressante e não valorativo, que realizam uma dupla jornada chegando à casa cansada, tendo de dar conta de tudo sem a ajuda do seu companheiro, pois é dever seu.

... Quando eu chegava todo mundo ficava dizendo que eu era muito brava, que eu era um sargento, eu já vinha do trabalho estressada... (SM, 48 anos).

Apesar das informantes acharem importante a mulher trabalhar fora, ao mesmo tempo, percebemos algumas contradições, como por exemplo, a falta de estímulo por parte de algumas entrevistadas, principalmente depois da chegada dos filhos, ou por não serem incentivadas por seus maridos.

Sinto falta de trabalhar fora, deixei porque tinha filho pequeno e fui me enjoando mesmo, fui parando foi quando arrumei um marido aí pronto. Acho muito importante trabalhar fora a melhor coisa do mundo, pra não depender de homem. É muito ruim depender de homem. (MJ, 38 anos)

A mulher precisa trabalhar porque se o marido ganhar o suficiente e desse pra manter tudo, aí eu não iria trabalhar, mas como não dá, eu trabalhando já ajuda, ele não concorda que eu trabalhe fora. Só concorda porque é o complemento, ele não deixaria porque ele disse que eu já trabalhei muito! Que eu fosse cuidar dos filhos, da casa e eu ia descansar mais, a não ser que fosse um emprego que mim desse um descanso melhor, porque trabalho de casa é pesado. A gente trabalha em casa e vai trabalhar fora, é mesmo serviço pesado. Quando a gente chega em casa já tá

cansada, se eu pudesse ficaria em casa, teria mais tempo pra cuidar dos filhos e da casa e descansar. (JR, 40 anos)

Duas das entrevistadas deixaram de trabalhar para tomar conta do lar, colocando o trabalho em segundo plano, dando prioridade a família. Essa situação de entrar e sair do mercado de trabalho, além de estar relacionada à questão financeira, tem haver também com o seu tipo de emprego e baixa qualificação. Essas mulheres não conseguem se manter numa atividade contínua, devido ao acúmulo de atividades domésticas e a baixa remuneração que recebem, ficando insatisfeitas, cansadas e sem estímulo de permanecer nessa atividade profissional estável.

Como citado em Ammann (1997, p.85) a mulher ao adentrar no espaço público “não foi liberada das funções anteriores, transformou-se em dupla mercadoria: do marido na esfera privada e do capitalista no âmbito público.”

O mercado de trabalho para elas é ocasional, vai depender da necessidade financeira, porque sua renda é apenas complementar a do chefe de família, “se ele reclamar é melhor ficar em casa”. Essa realidade é diferente quando as famílias são chefiadas por mulheres que necessitam do emprego para o sustento dos filhos.

Após a maternidade as dificuldades aparecem ou aumentam e para todas as entrevistadas as mudanças foram várias: a responsabilidade aumentou, a paciência ficou mais curta, a liberdade fica restrita. Na maternidade a mulher cresce e amadurece, tornando-se responsável por outro ser. Dentre as suas atribuições de mãe está a educação dos filhos, paralela as tarefas domésticas e a conciliação com o trabalho remunerado para algumas.

Houve várias mudanças, é que a responsabilidade da gente aumenta, porque em qualquer lugar agente sabe que com filho não é a mesma coisa. A gente tem de dar atenção pra eles. Tem que ta ensinando dever, ensinar a obedecer e tem que colocar pra ir pra escola não pode ta faltando! Pra que eles possa aprender que eu não quero que eles vivam como eu, sem um emprego e sem estudo, às vezes a gente que ir pra algum lugar e não vai porque não tem dinheiro. (JR, 40 anos)

A maternidade proporciona mudanças e rupturas para as mulheres, onde cada uma reage e concilia suas atividades de acordo com seus valores e crenças.

Até meados da década de 60, o modelo de família aceito para institucionalizar as relações, era por meio do casamento legal, sendo constituído de mãe, pai e filho, ou seja, a mulher tinha que namorar, noivar e casar.

A partir da década de 80 há uma heterogeneidade de padrões de família e casamento, onde as relações conjugais não formais se expandem, havendo uma redefinição das relações e dos modelos de estrutura familiar. Essa reconfiguração familiar cria espaços para que se estabeleçam diferentes formas de relações.

Houve 90% de mudanças em minha vida, principalmente pelo fato de ser mãe solteira. Minha última gravidez enfrentei sozinha! Morava em Salvador, retornei para Aracaju a quatro meses, aquela coisa do marido vim ver o bebê, acabou chegando o mês de dezembro e ele desistiu! (AA, 32 anos)

Esse novo modelo de família faz com que as mulheres se tornem cada vez mais independentes, e possam criar e educar seus filhos sem a presença masculina, embora este fato se associe à feminização da pobreza, pois o mercado de trabalho ainda prefere o trabalho masculino.

Existem inúmeras mulheres que são mantedoras dos seus lares, cuidam dos filhos, da casa, e ainda são obrigadas a enfrentar mais um obstáculo o de conciliar esses papéis e trabalhar, essa é a realidade de muitas mulheres.

Algumas encontram dificuldades em conseguir ou continuar o trabalho depois da gravidez, algumas empresas acham que não é viável contratar mulheres, pois geram despesas, como a licença maternidade, por não possuírem disponibilidade para horários, como a hora extra, diferente dos homens, que dispõe de todo seu tempo para o trabalho, já que as tarefas do lar ficam na responsabilidade de sua esposa.

Para a mulher voltar ao mercado de trabalho após a gravidez não é fácil, implica em deixar seus filhos pequenos com uma pessoa estranha porque não conseguem creches. Esses obstáculos muitas vezes desmotivam e são fatores propícios para abandonar o emprego, por tempo permanente ou até que o filho cresça.

Algumas das entrevistadas revelaram suas dificuldades quanto ao mercado de trabalho após a chegada dos filhos:

...quando eu tive o terceiro filho a escolinha botou pra fora por causa daquele abono né! Os meninos tinham direito de estudar! Minha dificuldade foi essa, por isso que agora tô mais na costura. (AG 37 anos)

Foi possível observar no decorrer da pesquisa, que a mulher também, agindo sobre os reflexos do patriarcalismo, se permite e dá permissão para receber o título de guardiã dos afetos e das emoções, rainha do lar. Ainda é da mulher, diante das falas das entrevistadas, a grande responsabilidade pela educação dos filhos, seus cuidados e os auxílios das tarefas escolares, onde estas abordaram ser a parte mais difícil do “ser mulher”, portanto, é dela também a tarefa de fazer brotar em seus filhos a semente da igualdade e do respeito pelo ser humano. As crianças de hoje serão os pais, homens e mulheres de amanhã.

A pesquisa constatou no relato das informantes a dificuldade para inserção e manutenção destas no mercado de trabalho, pois a maternidade remete a elas um papel social entendido e construído como natural.

Dos três eu gosto de todos! A dificuldade é mais financeira, mas dá pra conciliar tudo. (AG, 37 anos)

Nenhuma dou conta! (MH, 25 anos)

Não, nenhum impedimento pra mim! Dou conta de tudo, eu faço almoço à noite pra não atrapalhar, pra dá um tempinho. (VS, 32 anos)

Muita correria, porque a pessoa tem que ter tempo... Mais dá pra dar conta! (IJ, 35 anos)

Não tenho nenhuma dificuldade, consigo conciliar ser mãe, trabalhadora e esposa! (MS, 37 anos)

Outras informantes responderam que conseguem conciliar os três papéis, mas com dificuldades, sendo para elas uma tarefa complicada.

É porque são três coisas e agente tem que dá conta de todas elas ao mesmo tempo... (JR, 40 anos)

Difícil assim... Tudo que eu tenho de bom de passar para eles, eu não consigo passar! (SM, 48 anos)

É complicado porque, a gente trabalhando fora, quando chega em casa, chega cansada! (MA, 23 anos).

Analisando as respostas citadas, observa-se que a maioria das mulheres afirma que não encontram dificuldade em conciliar as funções em ser esposa, mãe e trabalhadora, não é difícil para elas, estas, porém, conseguem conciliar seus afazeres.

Mesmo tendo conquistado o mundo do trabalho, as entrevistadas relataram que não tiveram suas atividades no espaço doméstico diminuídas, nem as conseqüentes dificuldades provenientes desta tripla jornada, pois a distinção de suas atribuições de mãe foi construída a partir das diferenças sociais atribuídas às diferenças sexuais. A distinção dos papéis de pai e mãe foi feita por meio de construções sociais de gênero, baseadas no modelo patriarcal que está evidente em suas falas, relacionando a maternidade sempre à sensibilidade, a submissão e a reprodução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo principal deste estudo, que foi analisar a inserção da mulher no mercado de trabalho após a maternidade, os resultados obtidos por meio das entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo revelaram que a inserção no mercado de trabalho das mulheres do Bairro Santa Maria, de classe econômica baixa e pouca escolaridade, fica em segundo plano, de maneira informal e em caráter complementar no âmbito familiar. O trabalho diminui a distância que separa a mulher do homem, pois através do trabalho a mulher adquire liberdade e autonomia participando da vida financeira da família, tornando-se independente economicamente do homem, entretanto as entrevistadas não elaboraram que a independência financeira lhe traria autonomia e empoderamento. Continuando a manter uma postura conservadora em relação aos seus anseios profissionais.

Para a mulher voltar ao mercado de trabalho após a gravidez não é fácil, pois, a separação da mãe e o filho mais o retorno ao trabalho, é uma ocasião crucial para todas, pois precisam encontrar uma forma de conciliar o papel de mãe e profissional, além das diversas atividades dentro do espaço doméstico. Isso implica em deixar seus filhos pequenos com uma pessoa estranha, ou em creches. Esses obstáculos constatados na pesquisa, muitas vezes desmotivam e são fatores propícios para abandonar o emprego, por tempo permanente ou até que o filho cresça.

Então em relação a conciliação da maternidade com o trabalho, verificou-se que apesar das dificuldades, a maioria das pesquisadas responderam conseguir fazer a conciliação de mãe e trabalhadora, onde a construção da identidade feminina destas mulheres esta associada a condição de ser mãe para sua completa realização como sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMMANN, Safira Bezerra. Mulher: Trabalha mais, ganha menos, tem fatias irrisórias de poder. In: **Serviço Social e Sociedade**. [S.l]: Editora: Cortez, v.18, n. 55, p. 84-102, nov, 1997.
- BORIS, Georges Daniel J. B. e CESIDIO, Mirella de H.. **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade**. Rev. Mal-Estar Subj.[online]. 2007, vol.7, n.2, pp. 451-478. Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482007000200012&script=sci_arttext&lng=en>. Acesso em: 20 de jun. 2011.
- CAMPOS, Roberta Bivar C.. Investigações sobre o amor materno: algumas notas para Pesquisa. In: **Pensando família, gênero e sexualidade**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006. p.133-146.
- FISCHER, Isaura Rufino. Gênero e Exclusão Social. In: **Trabalhos para discussão**. Rio Grande do Norte: Fundação Joaquim Nabuco, n.113, agosto, 2001. Disponível em: < <http://www.fundaj.gov.br/tpd/113.html>>. Acesso em: 20 de maio de 2011.
- MACIEL, Elisabeth Nunes; TEDESCO, João Carlos. Família, gênero e trabalho. In: **Revista Temas Sociais em Expressão**. Frederico Westphalen, RS: Editora: URI, v.1, n.1, p.13-44, maio, 2002.
- OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de; SCAVONE, Lucila; et al. **Trabalho, Saúde e Gênero na era da globalização**. Goiânia: AB Editora, 1997.139p.
- OLINTO, Gilda; OLIVEIRA, Zuleica L. C. Gênero e Trabalho precário no Brasil. In: **Gênero: núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero - NUTEG**. Niterói: EDUFF, v.5, n.1, p.209-223, 2004.
- PAIM, Heloísa Helena Salvatti. Marcas no Corpo: gravidez e maternidade em grupos populares. IN: DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Doenças, sofrimento, perturbação, perspectivas etnográficas**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998. p.31-45.
- SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis, SC: UFSC, v.9, n.1, p.09-21, 2001.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. (Coleção Brasil Urgente). 151p.
- SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007. p.62.
- SPINDOLA, T. e SANTOS, R. da S.. **Mulher e trabalho: a história de vida de mães trabalhadoras de enfermagem**. Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]. 2003, vol.11, n.5, pp. 593-600. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104>. Acesso em: 20 de jun. de 2011.
- TOLEDO, C. Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide. In: **Marxismo Vivo**, n.2, p.77-92, jan., 2001.